
ARTIGO

A CÓPULA SER DO PORTUGUÊS: propriedades sintáticas e semânticas

Gustavo Alexandre de Paiva
Universidade de Brasília

RESUMO

A distinção entre os verbos *ser* e *estar* tende a se pautar em uma oposição entre caráter permanente *versus* transitório, respectivamente. De acordo com certas gramáticas e livros didáticos, enquanto o verbo *ser* selecionaria predicados de caráter [PERMANENTE] os predicados de indivíduo (PI), *estar* selecionaria predicados de caráter [TRANSITÓRIO], chamados de predicados de estágio (PE). O presente trabalho procurou analisar criticamente a distinção binária e categórica entre os verbos *ser* e *estar*, tendo como objeto de estudo o verbo *ser* e como recorte de pesquisa sua combinação com sujeitos eventivos, por denotarem certo dinamismo, e com predicados de diversos tipos: nominais, adjetivais determinantes e, principalmente, preposicionais. Com este trabalho, foi possível demonstrar a produtividade do verbo *ser* em contextos transitórios, devido a sua característica de verbo *default* (Schmitt 1992, 2005), o que permite que, em determinados contextos, ele veicule o significado de *acontecer*.

Palavras-chave: Sujeitos eventivos. Cópula. Verbo ser. Sujeitos eventivos. Linguística cognitiva. Teoria dos protótipos.

Introdução

A distinção entre os verbos *ser* e *estar*, no que diz respeito aos significados veiculados por eles, tende a se pautar, de maneira muito geral, em uma oposição entre um significado *permanente* para o primeiro e um significado *transitório* para o segundo.¹ Nas gramáticas tradicionais e nos materiais didáticos de português, encontram-se definições nesse sentido: enquanto o verbo *ser* selecionaria predicados de caráter [PERMANENTE], ou predicados de indivíduo (doravante, PI), o verbo *estar* selecionaria predicados de caráter [TRANSITÓRIO], conhecidos como predicados de estágio (doravante, PE).

Tal distinção se mostra muito vaga e incoerente à medida que surgem exemplos que parecem contradizê-la. Vejamos:

- (1) a. Maria é brasileira.
b. Pedro é magro.
c. A festa é na minha casa.

Numa sentença como (1a), a proposta parece se aplicar muito bem, uma vez que a nacionalidade de alguém é uma propriedade permanente e imutável. Assim sendo, *ser*, enquanto suposto atribuidor de significado permanente, seleciona um PI: *brasileira*. Entretanto, numa

¹ Mattos e Silva discorre sobre a distinção semântica entre *ser* e *estar* no português comparando-a com o português arcaico. Segundo a autora, a distinção entre permanente para *ser* e transitório para *estar* não estava estabelecida no período arcaico. Cf. MATTOS e SIVLA, Virginia. *Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, ano 1, v.I, 85-99, jul./dez. 1992.

sentença como (1b), o que explicaria a combinação de *ser* com um adjetivo que denota um estado não-permanente? Afinal de contas, *ser magro* não é uma condição permanente ou imutável.

Outro questionamento possível no que diz respeito à incoerência da distinção *permanente/transitório* é a relação do verbo não somente com o predicado, mas também com seu sujeito. Em (2), temos um sujeito de caráter eventivo e um predicado locativo. A sentença é ambígua. Qual o significado veiculado pelo verbo *ser* nesse exemplo?

(2) A festa é na minha casa.

Por meio de um teste com adverbiais, pelo menos duas leituras são possíveis:

- (3) a. A festa é sempre na minha casa.
b. Hoje a festa é na minha casa.

Como se vê, acrescentando-se o advérbio *sempre* logo após o verbo, legitimamos o caráter permanente do verbo *ser*. Contudo, se acrescentarmos o advérbio *hoje* no início da sentença, a interpretação muda: “Hoje a festa é na minha casa”, mas amanhã, talvez, não seja.

A partir desses questionamentos iniciais, o objetivo deste trabalho é analisar criticamente a distinção binária e categórica dos verbos *ser* e *estar* em termos dos traços [PERMANENTE] *versus* [TRANSITÓRIO], tendo como objeto de estudo o verbo *ser* e como recorte empírico de pesquisa a combinação desse verbo com sujeitos eventivos, em sua maioria de caráter transitório, além de sua combinação com sintagmas de diversos tipos – nominais, determinantes, adjetivais e preposicionais –, como se vê nos exemplos abaixo:

- (4) a. A *October Fest* é curtição!
b. O Natal é um momento de fé.
c. O evento é aberto à comunidade.
d. O carnaval é em fevereiro.

Nos exemplos em (4), todas as sentenças possuem sujeitos eventivos. Já os predicados de cada sentença são distintos: em (4a) temos um predicado constituído pelo sintagma nominal, “curtição”; em (4b), temos um predicado com sintagma determinante, “um momento de fé”; em (4c), um sintagma adjetival, “aberto à comunidade” e em (4d), um predicado preposicional, “em fevereiro”.

A escolha de um corpus com sujeitos eventivos para nosso trabalho se deu justamente para podermos identificar a produtividade ou não desse tipo de sujeito em combinação com um verbo de traço [PERMANENTE], levando-se em consideração o que diz a literatura sobre o caráter permanente de *ser*, como veremos na sessão seguinte. O dinamismo dos eventos em combinação com o traço [PERMANENTE] desse verbo possibilita um contraponto relevante no que diz respeito à definição categórica em que *ser* se opõe a *estar* em termos de permanência *versus* transitoriedade respectivamente.

Os dados serão analisados à luz da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2008, 2009), levando-se em consideração a noção de Categorização e a Teoria de Protótipos, fundamentadas nos trabalhos de Rosch (1973) e Ferrari (2011).

O trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 1, serão brevemente expostas as definições de verbo de ligação (ou cópula) em, pelo menos três gramáticas, tradicionais e descritivas, com enfoque no verbo *ser*. Na seção 2, será feita uma breve revisão da literatura relativa à semântica do verbo *ser*. Em seguida, na seção 3, será apresentado o quadro teórico que embasa a pesquisa, qual seja, a proposta de Categorização e a Teoria dos Protótipos, segundo a Linguística Cognitiva. Na seção 4, apresentaremos a descrição dos dados e a análise que daremos a eles com base no quadro teórico. Por fim, seguem-se as considerações finais do trabalho.

1. Os verbos de ligação (ou copulativos) nas gramáticas do português

1.1 Cunha & Cintra (2008)

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2008), Cunha & Cintra definem os verbos de ligação (ou copulativos) como “verbos que servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal” (p.147). Afirmam que tais verbos não trazem uma

ideia nova ao sujeito, como o fazem os verbos ditos significativos. Sendo assim, os verbos de ligação funcionariam apenas como elo entre sujeito e predicativo.

Como observação, os autores apontam para a importância de se “atentar no valor que [= os verbos, GAP] apresentam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto” (p.147), isto é, ora como copulativos, ora como significativos. Os verbos de ligação seriam, pois, categorias de tipo funcional, ou seja, sem valor lexical, por supostamente não trazerem uma ideia nova ao sujeito e responsáveis pela existência de predicados nominais, em oposição aos verbos significativos, categoria integrada por verbos transitivos e intransitivos que trariam ideia nova ao sujeito, além de serem responsáveis pela existência de predicados verbais.

Segundo os autores, os verbos de ligação (ou copulativos) podem expressar: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, continuidade de estado e aparência de estado. As capacidades de expressão relevantes para este trabalho são as duas primeiras.

Para a capacidade de expressar estado permanente, os autores se valem de exemplos de sentenças construídas com o verbo *ser*:

- (5) a. Hilário *era* o herdeiro da quinta.
- b. Eu *sou* a tua sombra.

Em (5a), o verbo *ser* denota uma característica permanente de Hilário, a de ser herdeiro. Em (5b), *ser* denota uma característica do sujeito “Eu” de ser a sombra de alguém.

Já para exemplificar o poder de expressar estado transitório, os autores apresentam uma sentença com o verbo *estar*, colhida entre as que os autores apresentam:

- (6) O velho *esteve* entre a vida e a morte durante uma semana.

O verbo *estar* em (6) é usado para demonstrar estado transitório de quase morte, reforçado pelo adjunto adverbial “durante uma semana”. Nota-se que, a fim de distinguir estado permanente de estado transitório, os autores reforçam a oposição categórica entre os verbos *ser* e *estar*, sendo o primeiro escolhido para expressar permanência e o segundo para expressar transitoriedade.

Um último ponto relevante dessa gramática para nosso trabalho é a definição dos autores no que diz respeito à constituição do predicativo. Para eles, o predicativo consiste numa expressão nominal, podendo ser um substantivo ou expressão substantivada, um adjetivo ou locução adjetiva, um pronome, um numeral ou uma oração substantiva predicativa. Como se vê, ignoram os advérbios e os sintagmas preposicionais, parte essencial dos dados deste trabalho.

1.2. Mateus et al. (2003)

Na *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mateus et al. (2003), os verbos copulativos são definidos como os que selecionam apenas um argumento interno, cujo núcleo pode ser adjetival, nominal, preposicional ou adverbial. Quanto à relação com o sujeito, as autoras ressaltam que “o verbo copulativo não impõe quaisquer restrições de seleção à expressão com relação gramatical de sujeito” (p.539). Dessa forma, o verbo ocorre normalmente com sujeitos de traços [\pm ABSTRATO], [\pm HUMANO] e [\pm ANIMADO]. As restrições ao sujeito são impostas, portanto, pelo predicativo, como se vê nos exemplos a seguir:

- (7) a. A Joana *é ruiva*.
- b. *A casa *é ruiva*.

- (8) a. A casa *está sem telhas*.
- b. *O livro *está sem telhas*.

Em (7a), o predicativo “ruiva” se combina com o sujeito “A Joana”, portador do traço [+HUMANO]. Já em (7b), a característica “ruiva” não pode se combinar com o sujeito “A casa”, de traço [-HUMANO]. “Ruiva”, embora seja uma cor, é uma característica do cabelo de um ser humano, não podendo se aplicar como cor de uma casa.

Em (8a), o sujeito “A casa” se combina com o predicativo “sem telhas”, ambos portadores do traço [-humano], assim como em (8b), tanto o sujeito “O livro” quanto o predicativo “sem telhas” também são portadores do traço [-humano]. Acontece que, diferente do sujeito em (8a), “O livro”,

em (8b) não pode receber a característica de estar “sem telhas”, já que um livro não se trata de uma construção ou edifício.

A relação entre a escolha do verbo copulativo e seu predicativo é definida também em termos de permanência em oposição a transitoriedade. Nas palavras das autoras, “predicativos do sujeito que exprimam predicados de espécie e indivíduo constroem-se com o verbo *ser*, enquanto predicativos do sujeito que exprimam predicados de fase se constroem com os verbos *estar* ou *andar*.”

As autoras ainda diferenciam outra interpretação, a locativa, a qual seria construída, em geral, com os verbos *estar* e *ficar*, o primeiro quando exprime propriedades de fase, o segundo, com propriedades de indivíduo.

Como podemos notar, mais uma vez, a noção de permanência e transitoriedade aparece como polos opostos e categóricos: o verbo *ser* caracterizando permanência e combinando-se com predicados de espécie e indivíduo, isto é, um PI, e o verbo *estar* caracterizando uma propriedade de fase, ou seja, transitória e se combinando com um predicado de fase ou PE. Novamente, esta distinção generaliza demasiadamente o que de fato ocorre no uso efetivo da língua. Como veremos, grande parte da nossa base de dados é composta por predicados locativos que fogem à regra ditada pelas autoras, combinando-se com o verbo *ser*.

1.3 Castilho (2010)

A Nova Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba T. de Castilho (2010), é a que mais traz informações acerca da complexidade dos verbos copulativos do português. O autor afirma que a diferença sintática entre *ser* e *estar* é um dos problemas mais desafiadores da língua e um complicador no ensino de português como segunda língua (p.397).

Para tratar dos sujeitos locativos e seu comportamento com estes verbos, o autor se vale de Lemos (1987), que identifica dois traços nesse tipo de sujeito: [MÓVEL] e [IMÓVEL]. Nas palavras de Castilho sobre o trabalho de Lemos

“As entidades móveis são as que se movimentam por si mesmas, ou são movimentadas. Assim, a seleção de uma entidade móvel por *estar* pressupõe que alguém a deslocou para lá, ao passo que sua seleção por *ser* significa que há uma relação de fixidez entre essa entidade e o lugar que ocupa, ou ao menos uma localização habitual.”

(CASTILHO, 2010, p. 398)

O autor ainda exemplifica nas sentenças em (9):

- (9) a. O telefone está na sala.
- b. O telefone é na sala.

Em uma sentença como (9a), temos um telefone móvel, que pode ser deslocado pela casa. Já em uma sentença como (9b), pressupõe-se que o telefone é fixo, isto é, que está sempre localizado na sala.

Com relação às entidades imóveis, o autor, ainda se valendo de Lemos (1987), afirma que “o uso de *estar* pressupõe a intenção de se mover até a entidade localizada, ao passo que o uso de *ser* pressupõe uma entidade previamente localizada, excluindo a intenção de movimentar-se” (CASTILHO, 2010, p.398) Logo, uma oração como *A estação está do outro lado da ponte* denota que você terá de deslocar-se para lá, ao passo que *A estação é do outro lado da ponte* trata de uma informação que não implica a necessidade de deslocamento. Segundo Lemos (1987, p.53 apud Castilho 2010, p.398), enquanto estar “parece relacionar-se à posição do falante/ouvinte como ponto de referência - convencionalizado ou pressuposto pragmaticamente”, o verbo *ser* seria usado independentemente de localização.

Como se vê, embora Castilho discorra mais cuidadosamente acerca da complexidade dos verbos *ser* e *estar*, a distinção ainda parece se pautar em termos de fixidez e mobilidade, o que poderia ser traduzido aqui para a tradicional diferença entre permanente *versus* transitório.

Um ponto relevante para nosso trabalho é a distinção do sujeito locativo em termos de traços [MÓVEL] e [IMÓVEL], uma vez que os sujeitos aqui chamados eventivos podem, em alguns casos, ser considerados locativos, como veremos na análise dos dados. Por exemplo, o constituinte “o congresso” é um evento que se localiza/realiza em um espaço, portanto, um elemento locativo. No entanto, sua classificação no que diz respeito aos traços [MÓVEL] e [IMÓVEL]

irá depender de um contexto: se sempre ocorre em um determinado espaço ou se se desloca, ocorrendo em diferentes espaços, por exemplo, em várias cidades. Como veremos na análise dos dados, as duas interpretações ocorrem com o verbo *ser*.

2. O verbo *ser* como verbo *default*

Schmitt (1992, 2005) analisa as cópulas do português brasileiro. A partir de intuições do Léxico Gerativo e da Morfologia Distribuída, a autora detalha a composição das cópulas e propõe que *ser* seria um verbo puro (para ela, um *v*) e *estar* seria um verbo derivado da combinação de uma matriz verbal abstrata com uma preposição estativa (em sua análise, um *v* + P_[ESTADO]). Dito de outra maneira, *ser* funcionaria como uma cópula subespecificada para aspecto, nas palavras da autora, um verbalizador transparente, enquanto *estar* seria uma cópula com informação estativa, ou um verbalizador não-transparente.

Enquanto cópula subespecificada para aspecto, *ser* não seria capaz de denotar nenhuma eventualidade, o que permitiria uma leitura atemporal *default*. Além disso, essa subespecificação aspectual explicaria também sua facilidade em adquirir outros sentidos em determinados contextos e sua maior flexibilidade com relação a distribuições e restrições seletivas.

A autora também propõe que *ser* denotaria um estado atemporal, diferente do estado denotado por *estar*, que possui um estado ancorado, sugerindo que as construções com o verbo *ser* teriam uma leitura aberta, potencialmente – mas não exclusivamente – permanente (PI), ao passo que as construções com *estar* teriam uma leitura transitória (PE) vinda por implicatura.

Zagona (2012), em seu estudo sobre a distribuição das cópulas no espanhol, também segue o mesmo caminho de Schmitt. Citando Zagona em seu trabalho sobre o valor aspectual de *ser* e *estar* seguidos de sintagmas preposicionados, Pessanha e Foltran (2014) apontam que, para Zagona, *ser* “assumirá a informação do seu complemento para a eventualidade final denotada, podendo combinar-se com estados e eventos”.

As contribuições de Schmitt (1992, 2005) e Zagona (2012) são muitas para o entendimento da distinção entre os verbos *ser* e *estar*. Além de admitir leituras não-permanentes nas construções com o verbo *ser*, as autoras enfatizam a flexibilidade desse verbo em oposição ao verbo *estar*, principalmente Schmitt, por lançar luz sobre a possibilidade de o verbo *ser* adquirir outros significados em certos contextos. É justamente essa característica *default* do verbo *ser* que possibilita sua inserção em contextos estativos e que lhe possibilita ser preenchido por outros sentidos, como veremos mais profundamente na análise dos dados.

3. A Linguística Cognitiva e a Teoria dos Protótipos

Nas palavras de Almeida *et al.* (2009), a Linguística Cognitiva (doravante, LC) se desdobra em duas direções: é mentalista e representacionista como a Linguística Gerativa, porém, não é universalista, mas sim relativista, dado seu compromisso com a Hipótese da Corporificação. Tal hipótese leva em conta a linguagem “como reflexo da experiência do corpo no mundo real”. (p.17)

A Hipótese da Corporificação finalmente atribui corpo ao sujeito cognoscente e ressalta o papel de sua experiência no mundo na tessitura das línguas humanas. Daí se falar de mente corporificada ao se tratar de Linguística Cognitiva, em oposição à mente idealizada ao se tratar do mentalismo, em geral, e da Linguística Gerativa em particular.

(ALMEIDA *et al.*, 2009, p.18)

Dito de outra forma, a experiência do corpo no mundo real é considerada crucial no que diz respeito à formação da gramática das línguas naturais, sendo assim possível afirmar que a constituição dessa gramática se dá de maneira tanto individual quanto coletiva: individual porque há de se considerar a herança genética e a maneira como o indivíduo atua no ambiente, mas, ao mesmo tempo, coletiva baseado na natureza do ambiente em si e nas especificidades das leis sociais de cada um (Idem, p.18).

Outro ponto ressaltado pela autora é a dificuldade de se constituir um corpo teórico unificado e delimitado à LC, uma vez que ela se constitui, como sugere Geeraerts (2006, p.2), através da metáfora do arquipélago, de um conjunto de posições teóricas mais ou menos afins. Desse conjunto, nosso trabalho se apropria da noção de Categorização e da Teoria dos Protótipos de Rosch (1973).

Ferrari (2011) define categorização como o processo em que entidades semelhantes são agrupadas em classes específicas. O modelo clássico (aristotélico) de categorização compreende que as entidades agrupadas em determinada categoria (objetos, lugares, pessoas, etc.) devem compartilhar as mesmas características que definem essa categoria. Tal modelo se mostra rígido e, segundo a autora, aqueles que discordam de tal rigidez sustentam que não há necessidade de que se preservem todas as características da categoria a fim de pertencer a determinada categoria.

Nos termos de Almeida (2009, p.24), a Teoria dos Protótipos de Rosch “parte do *insight* fundamental de que existem membros mais centrais para representar uma categoria que outros”. A fim de esclarecer esse aspecto, a autora toma como exemplo a categoria “ave”. As características fundamentais desta categoria pressupõem a existência, em seus membros, de asas, penas e bico, além da capacidade de voar. Dessa maneira, uma andorinha seria o modelo ideal de ave, por reunir todos os atributos descritos pela categoria. Porém, outros atributos da mesma categoria vão se distanciando desse modelo prototípico, como é o caso de uma galinha: apesar de portar características como bico, penas e asas, não possui a capacidade de voar. Nesse sentido, o processo de categorização dos elementos se mostra flexível, sugerindo “efeitos prototípicos”, de maneira que os elementos de uma categoria vão se distanciando, gradualmente, do elemento mais prototípico ao mais periférico.

Diante do exposto, nosso estudo visa flexibilizar a categorização do verbo *ser* e agrupar os dados coletados a fim de analisá-los a partir desse referencial teórico, como veremos na seção seguinte.

4. Análise dos dados: características sintáticas e semânticas do verbo *ser*

Com vistas a alcançar os objetivos propostos, nosso estudo partiu da investigação dos contextos em que o verbo *ser* ocorria com: a) sujeitos portadores do traço [EVENTIVO] como “a festa”, “o congresso”, justamente por denotarem certo dinamismo e b) predicados de estágio (PE) de natureza sintática diversa como nominais, adjetivais e, principalmente, adverbiais.

Os dados analisados nesse estudo provieram de conversas espontâneas de falantes do Português Brasileiro, buscas em dicionários eletrônicos como *Aulete* e *Houaiss*, além de rastreamento feito pelo *Google*, ferramenta online que redireciona a páginas diversas. Para a análise desses dados, usamos como referencial teórico a Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2008, 2009) e propostas específicas em seu âmbito, tais como as noções de Categorização e de Protótipos, fundamentadas por Rosch (1973) e Ferrari (2001).

4.1. Categorização das sentenças

A partir da noção de categorização proposta por Rosch (1973), os dados do nosso trabalho foram agrupados por afinidades tanto sintáticas quanto semânticas. Nosso corpus se compõe de 15 dados com o verbo *ser*, os quais se distribuem em três grupos. No Grupo 1, encontram-se as sentenças em que o verbo *ser* possui uma leitura *default*, isto é, leitura em que aparece como um verbo subespecificado para aspecto, não denotando, portanto, nenhuma eventualidade. No Grupo 2, encontram-se as sentenças em que *ser* veicula o significado de *acontecer*. Esse grupo apresenta uma divisão em subgrupos, sendo composto por: 2a) sentenças não ambíguas, 2b) sentenças ambíguas e, finalmente, 2c) sentenças que expressam datas comemorativas.

Vale mencionar que, a fim de criar um contraponto com nossos dados, tomaremos a seguinte sentença como realmente prototípica:

(10) Maria é humana.

Além de sua sintaxe ser padrão, isto é, [sujeito + verbo *ser* + adjetivo], a sentença reúne o maior número de características atribuídas ao verbo *ser* que evidenciam seu traço [PERMANENTE]. Nesta sentença, *ser* tem como sujeito um sintagma portador do traço [+HUMANO], “Maria”, e como predicado um PI: “humana”. Assim, a única leitura possível é que “Maria é um ser humano”. Portanto, sua condição humana é imutável.

Passemos, agora, à apresentação dos grupos de sentenças com verbo *ser*, a fim de analisarmos os usos desse verbo e entender em que medida tais usos vão se afastando do uso prototípico em direção a uma realização mais periférica.

4.2. Grupo 1: ser como verbo *default*

Nesse grupo, encontram-se as sentenças em que *ser* é transparente para aspecto, realizando-se como verbo *default*, conforme a análise de Schmitt exposta na seção 2. Seguem os dados:

- (11) a. O congresso é aberto à comunidade.
- b. O evento é gratuito.
- c. A assembleia é um momento decisivo.
- d. A quaresma é tempo de recolhimento.

Em (11a), *ser* traz informação relacionada a “O congresso”, que tem como característica a não restrição de público, informação veiculada pelo predicado adjetival “aberto à comunidade”, que se relaciona a esse sujeito por intermédio da cópula *ser*. O mesmo ocorre em (12b): o constituinte “O evento” se liga a sua característica, “gratuito”, pela cópula *ser*.

A mesma análise se aplica a (11c-d). Em (11c), o sujeito “A assembleia” se liga ao sintagma determinante “um momento decisivo” por meio da cópula *ser*. Em (11d), *ser* une o sujeito “A quaresma” à sua característica de ser “tempo de recolhimento”.

Em todas as sentenças, o verbo *ser* faz senão ligar sujeito ao seu predicativo, sem carregar qualquer informação relacionada à aspecto, atuando, como observado por Schmitt (1992, 2005), como um verbo *default*.

Diante do exposto, conclui-se que (11a-d) do nosso corpus são as sentenças que mais se aproximam da sentença prototípica (10), “Maria é humana”. Isto porque, assim como “humana” (predicativo do sujeito) é uma característica de “Maria” (sujeito), os predicativos das sentenças desse grupo são características de seus respectivos sujeitos. O verbo *ser* nelas não denota qualquer informação de eventualidade, servindo apenas como ligação entre os sujeitos e seus respectivos predicativos. Ocorre que, no caso das sentenças em (11), tais características não podem ser tidas como imutáveis, como a condição de ser humana de Maria o é. Em (11a-b), por exemplo, tanto “O congresso” quanto “O evento” podem perder suas características: nada impede que o primeiro sofra alterações com relação à aceitabilidade de público ou que o segundo passe a ser um evento pago. Já em (11-c-d), a ideia de que uma assembleia seja um momento importante de decisão e a afirmação de que a quaresma seja tempo de recolhimento não é tão categórica quanto a definição de uma espécie, como na sentença prototípica (10).

Dito de outra forma, os predicativos das sentenças em (11) não podem ser considerados de todo permanentes. Se pensarmos neles em termos de duração no tempo e compará-los com o predicativo da sentença (10), vemos que nessa última, a duração é infinita, já que a condição de ser humano é eterna, ao passo que em (11), os predicativos possuem um grau de permanência menor no que se refere às suas características de ser gratuito, de ser aberto à comunidade, de ser um momento decisivo ou de ser tempo de recolhimento.

4.3 – Grupo 2: Ser veiculando o significado *acontecer*

Todas as sentenças do nosso corpus que compõem o Grupo 2 são construídas com sujeitos eventivos + verbo *ser* + sintagmas preposicionais que veiculam informação relativa a lugar. As sentenças nele contidas foram distribuídas em subgrupos, os quais são: 2a) sentenças não ambíguas, 2b) sentenças ambíguas e 2c) sentenças que expressam datas comemorativas.

4.3.1 – Sentenças não ambíguas

- (12) a. Baile bom é na favela!
- b. Fervo certo é na Rua Augusta!
- c. Festa boa é na casa do Guto!

Nas sentenças em (12), notou-se que o verbo *ser* pode ser substituído pelo verbo *acontecer* sem que se perca o sentido delas. Vejamos:

- (12) a. Baile bom é na favela!
 - a_i. Baile bom *acontece* na favela!
 - b. Fervo certo é na Rua Augusta!
 - b_i. Fervo certo *acontece* na Rua Augusta!

- c. Festa boa é na casa do Guto!
- ci. Festa boa *acontece* na casa do Guto!

Em todas as sentenças, fica implícito que para esses eventos se realizarem de maneira plena, eles só podem acontecer nesses lugares específicos. É importante, porém, observar que essa impressão se deve em grande parte pelas características dos sujeitos que compõem as sentenças. Em todos os dados desse subgrupo, verifica-se a ausência de determinantes nos sujeitos, o que sugere, semanticamente, certa generalização com relação a eles. Os adjetivos que seguem o sujeito também são importantes para a interpretação das sentenças. Dito de outra maneira, “Baile”, “Fervo” e “Festa” não são eventos específicos. A noção de especificidade é exclusiva dos sintagmas preposicionais das sentenças. Em (12a), por exemplo, quando o falante diz que “Baile é na favela”, ele não fala de um evento determinado; fica implícito que, para que todo baile seja bom, é necessário que ocorra sempre na favela. Em (12b), a mesma coisa: independente de qual seja o “fervo”, para que ele se realize é preciso que aconteça “na Rua Augusta”. Assim como, em (12c), qualquer “festa” só acontece “na casa do Guto”. É como se o falante quisesse afirmar que, quando tais eventos acontecem nesses lugares específicos, ele é bom.

Outra evidência para afirmar a noção de generalização expressa nas sentenças surge se acrescentarmos o advérbio “sempre” logo após o verbo, seja ele *ser* ou *acontecer*, sem que se perca o sentido original delas. Vejamos:

- (12) aii. Baile bom é *sempre* na favela!
- bii. Fervo certo é *sempre* na Augusta!
- cii. Festa boa é *sempre* na casa do Guto!

Desta maneira, nos parece que a ausência de determinantes nos sujeitos dessas sentenças mais os predicados adverbiais evidenciam o caráter não ambíguo delas, permitindo certa generalização a respeito da realização desses eventos em lugares fixos. Sendo assim, esse subgrupo é o segundo que mais se aproxima da realização prototípica de *ser* enquanto portador de traço [PERMANENTE]: embora não sejam sentenças com o padrão [sujeito + verbo + adjetivo], denotam certa constância no que diz respeito à realização dos eventos.

4.3.2 – Sentenças ambíguas

- (13) a. A festa é no meu apê.
- b. A reunião é no bar.
- c. O encontro é na minha casa

As sentenças em (13) são constituídas por sujeito eventivo + verbo *ser* + predicado sintagma preposicional locativo. Em todas elas, como nos subgrupos anteriores, o verbo *ser* pode ser substituído pelo verbo *acontecer*. As sentenças desse subgrupo são consideradas ambíguas pois, a partir de um teste com adverbiais, *hoje* e *sempre*, temos como resultado sentenças distintas. Tanto com *ser* quanto com *acontecer*, a leitura delas aponta dois caminhos de interpretação: i) o evento *é/acontece* sempre no local indicado pelo adverbial e ii) o evento *é/acontece* hoje no local indicado pelo adverbial. Vejamos: Vejamos:

- (13) ai. Sempre a festa é no meu apê.
- aii. Hoje a festa é no meu apê.
- bi. Sempre a reunião é no bar.
- bii. Hoje a reunião é no bar.
- ci. Sempre o encontro é na minha casa.
- cii. Hoje o encontro é na minha casa.

Quando acrescentamos o advérbio “sempre” nos dados em (13), eles ganham um sentido permanente. Em (15abc_i), a leitura que fazemos é que “a festa”, “a reunião” e “o encontro” têm sua realização, expressa pelo predicado adverbial, sempre no mesmo local. Nessa interpretação, os dados comportam-se como os do subgrupo 4.3.1. Já nos dados em (15abc_{ii}), a ideia que temos é que os eventos não ocorrem sempre no mesmo local, isto é, podem ser caracterizados como eventos de circuito, realizando-se cada vez em um local diferente.

É interessante observar esse comportamento mesmo sem o teste com adverbiais. As sentenças parecem responder a uma pergunta: Onde é o evento? E somente o contexto pode apontar se se trata de um evento com localização fixa ou não. Nas leituras transitórias das sentenças desse subgrupo, se esperaria o emprego do verbo *estar*, já que este é classificado, como vimos na sessão 1, como portador do traço [transitório], responsável por selecionar PEs. De qualquer maneira, sendo para um evento com localização fixa ou não, ocorre o uso do verbo *ser*, o que evidencia sua produtividade também em contextos transitórios e dinâmicos, conforme a interpretação.

4.3.3 – Sentenças expressando datas comemorativas

- (14) a. O natal é em dezembro.
- b. O réveillon é no dia 31.
- c. O carnaval é em fevereiro.
- d. O réveillon é na segunda-feira.

Nesse subgrupo, assim como no anterior, o verbo das sentenças também pode ser substituído por *acontecer*. Elas são idênticas em sua estrutura sintática, embora se diferenciem gradualmente no que diz respeito à sua semântica. Todas são construídas com sujeitos eventivos precedidos por artigo definido: em (14a), “O natal”; em (14b), “O réveillon”; em (14c), “O carnaval”; em (14d), “O réveillon” novamente. Esses sujeitos expressam datas comemorativas específicas e a realização delas vem especificada pelos sintagmas preposicionais das sentenças: para (14a), “em dezembro”; para (14b), “no dia 31”; para (14c), “em fevereiro”; para (14d), “na segunda-feira”.

Apesar de a estrutura sintática de cada uma delas ser idêntica, as sentenças se diferenciam semanticamente, como veremos a seguir.

Em (14a), o verbo *ser* tem sua realização mais próxima da realização prototípica, uma vez que todo natal, inevitavelmente, acontece em dezembro; todo falante sabe disso. Comparando (14a) com a sentença (11), que tomamos como prototípica para nosso trabalho, embora sintaticamente sejam distintas, elas compartilham o mesmo atributo semântico no que se refere ao traço [PERMANENTE] do verbo *ser*. A mesma análise se aplica a (14b): o evento “O réveillon” acontece sempre “no dia 31”.

Já as sentenças (14c-d) se distanciam gradualmente de (14a-b) em termos semânticos. Em (14c), a afirmação de que o carnaval é em fevereiro não equivale à afirmação de que o natal é em dezembro. Diferente do natal, que é uma data comemorativa fixa, o carnaval não o é: a data do carnaval é definida a partir do domingo de Páscoa, data definida pela Igreja Católica, que também varia de ano pra ano. Desta maneira, o carnaval eventualmente pode acontecer em março, e não em fevereiro. Por conta disso, só é possível afirmar certamente a data do carnaval levando-se em consideração um contexto pré-determinado. O mesmo ocorre com “O réveillon”, em (14d): a cada ano, o dia 31 cai num dia da semana diferente, de maneira que essa afirmação só pode ser verdadeira em determinado ano.

Seguindo essa análise, os dados categorizados como sentenças que expressam datas comemorativas, embora façam parte de um mesmo subgrupo, diferem gradualmente entre si. (14a-b) se aproximam mais da sentença prototípica (10), por se tratarem de eventos fixos, portanto, portadores do traço [+permanente] ao passo que (14c-d) se distanciam de (10), à medida em que são afirmações menos fixas, portanto, portadoras do traço [-PERMANENTE].

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos analisar criticamente a distinção categórica apresentada nas gramáticas entre *ser* e *estar*. Para tanto, os dados foram selecionados a fim de que pudéssemos evidenciar a produtividade ou não do verbo *ser*, tomado como portador do traço [permanente], em contextos dinâmicos (característica dos sujeitos eventivos) e transitórios (mostrados pelos sintagmas preposicionais).

Os grupos e subgrupos foram analisados à luz da Linguística Cognitiva (LANGACKER 1987, 2008, 2009), levando-se em consideração a noção de Categorização e a Teoria de Protótipos, fundamentadas nos trabalhos de Rosch (1973) e Ferrari (2011), de modo que, entre os grupos e dentro deles, observamos o emprego do verbo *ser* tanto na sua condição de verbo *default* (SCHMITT 1992, 2005), quanto em sua realização que veicula o significado de *acontecer*. Posteriormente, os dados foram distribuídos ao longo de um *continuum*: próximas do polo mais

prototípico, encontram-se as orações em que *ser* funciona como verbo *default*, isto é, transparente para eventualidade e para aspecto, como observado por Schmitt (1992, 2005), tomado neste trabalho como sua realização mais prototípica e selecionando como argumento predicados com traço [PERMANENTE]; no polo mais periférico, encontram-se aquelas orações em que *ser* gradualmente se distancia de seu uso prototípico, selecionando como argumento predicados com traço [TRANSITÓRIO] e veiculando o significado de *acontecer*.

No Grupo 1, embora os sujeitos das sentenças sejam eventos, portanto, portadores do traço [+DINÂMICO], o que evidencia uma noção de duração para sua realização, observa-se que *ser* não veicula informação alguma sobre tempo ou aspecto, se caracterizando, desta maneira, como verbo *default*, isto é, transparente para aspecto e vazio de significado, conforme proposto por Schmitt (1992, 2005). Dito de outra forma, o verbo *ser* faz senão denotar uma característica desses sujeitos. Portanto, na distribuição do *continuum*, este é o grupo que mais se aproxima do uso prototípico do verbo *ser*, exemplificado na sentença (11).

O Grupo 2 vem logo em seguida, dividido em subgrupos. Destes, aquele que diz respeito às sentenças não ambíguas (4.3.1) surge à frente do Grupo 1, distanciando-se do polo prototípico, porém, ainda assim se caracterizando como o mais próximo de sua categoria deste polo, pelo fato de suas sentenças permitirem apenas uma interpretação de generalização à cerca dos eventos, tendo como característica a sua realização em lugares fixos, realização veiculada pelos predicados adverbiais, esses, sim, com denotação específica.

Em seguida, vem o subgrupo (4.3.2), constituído por sentenças ambíguas. Nele, as sentenças transitam pelo *continuum*, a depender de sua interpretação: ora se comportando como eventos que têm realização em lugares fixos (sentenças 13abc_i), portanto, localizando-se mais próximas do polo prototípico, ora se comportando como eventos que têm realização em lugares não fixos (sentenças 13abc_{ii}), localizando-se mais próximas do polo periférico. Ainda assim, sua condição de sentenças ambíguas as afastam ainda mais do polo prototípico do que as sentenças do subgrupo (2a).

Finalmente, surge o subgrupo mais flexível do Grupo 2, o subgrupo (4.3.3). Embora alocadas numa mesma categoria (datas comemorativas), as sentenças se dividem no *continuum*. (14a-b) são sentenças em que *ser* mais se aproxima de sua realização prototípica em termos de traço [+permanente], uma vez que seus eventos, “O natal” e “O réveillon” ocorrem numa data imutável, expressa nos seus predicados, caracterizados, por conta dessa imutabilidade, como PIs. Vale dizer que esses predicados só podem ser interpretados como PIs se levarmos em consideração a sentença como um todo, principalmente o aspecto semântico de, em (14a), a relação do evento “natal” com a data de seu acontecimento (todo natal acontece em dezembro) e, em (14b) a relação do evento “réveillon” com sua realização no dia 31, única data possível. Já as sentenças em (14c-d), afastam-se do polo prototípico à medida em que a realização dos eventos é mais flexível, mudando de ano para ano.

Vale mencionar que as gramáticas, como vimos na sessão 1 desse artigo, deixam de lado estruturas importantes e bastante comuns com o verbo *ser*, focando apenas na discussão sobre permanência versus transitoriedade.

Referências

- ALMEIDA, M. L. L. et alii. *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MIRA MATEUS, M. H. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Editorial Caminho.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo P. *As frases copulativas com ser: Natureza e estrutura*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva). Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2001.
- SCHMITT, Cristina. *Ser and Estar: a matter of aspect*. In: Proceedings of the North East Linguistic Society 22. University of Maryland, College Park, 1992.
- _____. *Semi-Copulas: Event and aspectual composition*. P. Kempchinsky and R. Slabakova (org.) Aspectual Inquires, 121-145. 2005.